

APRESENTAÇÃO

Volume 13 - Número 26 - Verão de 2016

Mesmo com a crise financeira das universidades brasileiras, em especial das estaduais, a Revista Kalagatos tem o prazer de apresentar, ao público interessado, o seu 26º número, com 10 artigos inéditos. O fluxo constante de artigos mostra a vivacidade da pesquisa filosófica brasileira. Vemos que as questões continuam surgindo; os interesses continuam se capilarizando e, a contrapelo do estado de coisas, a pesquisa filosófica se consolida no Brasil.

Apesar desses bons ventos, notícias não tão boas se mostram como obrigação histórica do filósofo brasileiro. Ainda não há distanciamento suficiente para uma avaliação adequada, mas a Reforma do Ensino Médio, proposta pelo Governo Federal, com o recuo da Filosofia nesse período da formação intelectual da juventude, preocupa a nossa comunidade. Não à-toa, a atual diretoria da ANPOF – Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia –, gestão 2017-2018, tem se movimentado no sentido de reverter essa situação. Mas, até o momento, não houve retração do Governo, muito menos do Congresso Nacional.

Sem eufemismos, a “diluição da filosofia em outras disciplinas” significa, de um lado, um desfazimento dos conteúdos específicos desse campo epistêmico ímpar, por outro, a precarização laboral dos licenciados na área. O resultado disso, num prazo não tão longo, pode ser o encerramento de cursos de Filosofia pelo Brasil, sufocados pela falta de demanda, em decorrência da rarefação de atividades remuneradas na área.

Esse efeito indesejado pode parecer mera reserva de mercado com intenção puramente classista. Bem! Mesmo que fosse apenas isso, não deixaria de ser legítimo, mas a questão não é apenas essa. A eliminação da reflexão filosófica, em qualquer nível, significa o fim de uma forma de problematizar que não encontra par em nenhuma outra ciência específica. Desde sua origem, há bem mais de dois milênios, a Filosofia se dedicou a perguntar sobre aquilo que aparecia como estado natural das coisas. Essa forma de reflexão radical pode significar, além de um pensamento criativo e fora dos padrões estabelecidos, o que é absolutamente fundamental para o desenvolvimento das empresas humanas, uma pergunta sobre a própria realidade do homem e sua condição histórica. Ou seja, a filosofia conduz, pela natureza da sua reflexão, a um pensamento crítico.

O cenário é terrificante, repleto de corrupção, desmandos e injustiças. Nossos dias são aqueles em que um jovem negro, morador de rua, permanece preso por ter sido pego em flagrante com uma “garrafa de desinfetante”, em situação criticada por órgãos internacionais de defesa dos Direitos Humanos. São dias, também, em que professores são amordaçados por leis de clara inspiração fascista. Nosso atual momento é aquele



em que os envolvidos já nem se sentem atingidos pelas denúncias e provas que os acoçam; onde indivíduos com longo histórico de ataques ao bem público são preferidos para os mais altos cargos da República. A pergunta não deixa de ser cabível: a quem pode interessar que o jovem não tenha uma formação que ensine a problematizar e criticar o seu próprio meio?

Por fim, faz-se necessária afirmar o mérito dos nossos colaboradores, que, apesar disso tudo, ainda intentam pensar filosoficamente. São esses os nossos artigos:

José Henrique Alexandre de Azevedo, da UNICAMP, traz uma reflexão atualíssima sobre a influências das práticas pedagógicas implementadas, por decreto estatal, influenciou Kant na sua ideia de cosmopolitismo.

Em seguida, Gabriel Kafure da Rocha, da UFRN, e Arciane da Silva Carvalho, da UFPI, estudam a relação entre amor e verdade em Agostinho e Kierkegaard.

O terceiro artigo desse número, vindo da PUCRS, de autoria de Ângela Gonçalves, aborda a maneira que o ceticismo influencia a reflexão que chega às certezas claras e distintas, em Descartes.

Felipe Augusto de Luca, da USP, no quarto momento dessa edição, atravessa o Reno com um estudo sobre a epistemologia leibniziana, em polemica com o estado da matéria do seu tempo.

Logo depois, Lara Emanuele da Luz, da UFSC, estuda o Tempo, em Bergson e Einstein.

O artigo posterior vem da UFMG, de autoria de Cecília de Sousa Neves, que aborda a convergência distópica entre tecnocracia, totalitarismo e sociedade de massa.

Da PUC-SP vem o sétimo artigo, de autoria de João Francisco Gabriel de Oliveira Filho. Nesse artigo vemos a apresentação das diferenças entre liberdade política e livre-arbítrio, amparado por uma leitura arendtiana de Agostinho.

O artigo seguinte vem do Cariri cearense, da URCA, de autoria de Fabiano José Araújo dos Santos. Nesse texto, seu autor discorre sobre a recepção marxista dos conceitos de aparência e fenômeno em Hegel.

É do Rio de Janeiro, precisamente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que vem o penúltimo artigo desse número. Filipe Ferreira Pires Volz nos apresenta uma chave de leitura da filosofia da arte de Arthur Danto.

Por fim, o último artigo é de autoria de Francisco William Mendes Damasceno, da UFC/UECE, trabalhando com a concepção de subjetividade em Schopenhauer.

No final, apresentamos uma resenha de autoria de Matheus Silva Freitas da UFS. O livro resenhado é “Contradição e dialética nos antigos e nos modernos”, de Enrico Berti.